

P19

QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA À SAÚDE DE PORTADORES DE CÂNCER COLORRETAL SUBMETIDOS À QUIMIOTERAPIA



Talita Peripato, Fernanda Costa Pereira, Marley Ribeiro Feitosa, Rogério Serafim Parra, José Joaquim Ribeiro da Rocha, Omar Féres, Marysia Mara Rodrigues do Prado de Carlo

Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Objetivo: Comparar a qualidade de vida relacionada à saúde de portadores de câncer colorretal com e sem quimioterapia (adjuvante ou paliativa).

Método: Estudo exploratório e transversal, baseado na aplicação do questionário European Organization for Research in the Treatment of Cancer Questionnaire-core 30 e o módulo específico Quality of Life Questionnaire Colorectal Cancer 29. Foram também aplicados um questionário clínico e sociodemográfico, bem como o Critério de Classificação Econômica Brasil. A casuística foi composta por 110 pacientes com câncer colorretal, atendidos em um hospital universitário de alta complexidade, divididos em três grupos: o Grupo 1 (GE1) composto por 27 pacientes submetidos à quimioterapia paliativa; Grupo 2 (GE2) composto por 28 pacientes submetidos à quimioterapia não paliativa; e o Grupo Controle (GC) composto por 55 pacientes não submetidos à quimioterapia.

Resultados: Houve predomínio de homens (60,9%) portadores de câncer de cólon (58,2%) com estadiamento IV (34,5%), idade entre 65 e 79 anos (38,2%), ensino fundamental incompleto (47,3%) e classe econômica A (40,9%). Em relação aos instrumentos utilizados, não foram observadas diferenças entre GE1 (realizando quimioterapia paliativa) e GE2 (submetidos a quimioterapia não paliativa). Em comparação ao GC (sem vigência de quimioterapia), GE1 e GE2 apresentaram maior frequência de sintomas, como náuseas e vômitos ($p=0,01$) e mais sintomas como Queda de Cabelo ($p=0,03$), Dificuldade no Sabor dos Alimentos ($p=0,04$), Flatulência ($p=0,02$) e Incontinência Fecal ($p=0,04$). GC apresentou uma diferença significativamente maior na ocorrência de fadiga ($p=0,01$) em comparação aos dois grupos de estudo e uma percepção de maior acometimento negativo na escala de desempenho de papéis ($p=0,02$).

Conclusão: Não houve diferença da qualidade de vida de pacientes em quimioterapia adjuvante ou paliativa. No grupo sem quimioterapia, houve maior incidência de fadiga e maior comprometimento no desempenho de papéis.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2018.08.112>

P190

USO DE ULTRASSONOGRAFIA BIDIMENSIONAL ENDOANAL INTRAOPERATÓRIA PARA REPARO ESFINCTERIANO – RELATO DE CASO



Natasha Garcia Caldas, Nimer Ratib Medrei, Andre Araujo de Medeiros Silva

Hospital da Região Leste (HRL), Brasília, DF, Brasil

Introdução: Incontinência fecal é problema comum, afetando 2-7% da população geral. Pode ser definida como incapacidade de manter controle fisiológico do conteúdo intestinal, caracterizada pela perda involuntária de fezes sólidas e líquidas associada ao escape ocasional de flatos. A incontinência fecal perturba o equilíbrio emocional, social e psicológico do paciente, prejudicando suas atividades habituais. A incontinência surge geralmente após lesão traumática esfinteriana, sendo raros os casos de etiologia congênita.

Descrição do caso: Mulher de 26 anos apresenta-se ao ambulatório de coloproctologia com queixa de incontinência fecal para fezes formadas e para gases há 8 meses, após o nascimento de sua primeira filha. Refere piora progressiva dos sintomas, com prejuízo das atividades diárias e com necessidade do uso de fraldas quando precisava sair de casa. Realizado ultrassonografia (USG) endoanal bidimensional que evidenciou lesão do esfíncter anal externo e interno. Apesar da instituição de medidas clínicas, não apresentava melhora dos sintomas, sendo optado pela correção cirúrgica da lesão, com realização de esfínteroplastia e reparo perineal, com auxílio intraoperatório de USG bidimensional. Paciente segue em acompanhamento ambulatorial, com melhora importante dos sintomas e da qualidade de vida.

Discussão: Na mulher predomina o trauma obstétrico, com lesão esfinteriana em até 35% das parturientes após o parto normal, embora só em menor percentagem surjam sintomas de incontinência. Trauma direto ao esfíncter anal e neuropatias do nervo pudendo são os eventos mais comuns que ocorrem durante o parto e explicam o desenvolvimento da incontinência. Esfínteroplastia tem mostrado bons resultados em 30-80% dos pacientes, porém colostomia pode ser indicada naqueles pacientes que falharam nas outras opções terapêuticas. A ultrassonografia endoanal permite identificar com precisão a topografia dos cabos musculares, orientando a incisão e permitindo a avaliação intraoperatória da qualidade do reparo.

Conclusão: Incontinência fecal é distúrbio comum, que pode afetar até 1/3 das mulheres que realizaram parto normal. A esfínteroplastia associada a reparo perineal mostra bons resultados, sendo o uso de USG endoanal bidimensional artefato tecnológico que pode contribuir para o sucesso terapêutico.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2018.08.113>